

# VIVER SOB O PERIGO: UMA ANÁLISE DO RELATÓRIO DO SINJOR-PA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO PARÁ, NO ANO DE 2022<sup>1</sup>

Rosemary Gomes da Silva MACHADO<sup>2</sup>

Michele da Costa SOUZA<sup>3</sup>

Alda Cristina Silva da COSTA<sup>4</sup>

## RESUMO

Qual a representação social do relatório sobre violência contra jornalistas produzido pelo Sindicato de Jornalistas do Estado do Pará? Objetivamos compreender se essas violências (física e simbólica) cometidas contra profissionais no estado configuram dentro de um aparato institucional de dominação que compromete a liberdade de expressão, tanto das/os profissionais como do público de saber os fatos. A perspectiva de investigação teórica-metodológica parte da representação social como uma modalidade de conhecimento prático, a partir de Moscovici (2012). Os achados indicam que o relatório produz conhecimentos sobre a realidade de violência experienciada pelas/os jornalistas e, ao mesmo tempo, orientam ações no cotidiano com o objetivo de pensar a relevância do trabalho da categoria para a ajudar na sustentação da própria democracia.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no 6º Encontro de Pesquisa em Comunicação na Amazônia - EPCA. Universidade Federal do Pará. Belém/PA, 21 a 23 de novembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). E-mail: rosegomes007@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). E-mail: michele.souza@ilc.ufpa.br.

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Sociais; Mestre em Sociologia; Especialista em Metodologia e Teorias da Comunicação; Graduada em Comunicação Social docente na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom-UFPA). E-mail: aldacristinacosta@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** pandemia da Covid-19; Bolsonaro; violência; jornalistas; Sinjor-PA.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que vem sendo produzida sobre a Amazônia paraense e a violência contra jornalistas,<sup>5</sup> no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Aqui, o objeto de pesquisa consiste no relatório sobre a violência contra jornalistas, do ano de 2022, produzido pelo Sindicato de Jornalistas do Estado do Pará (Sinjor-PA), com olhar amiúde sobre os meses que antecederam as eleições presidenciais no Brasil. Considerando o ambiente de violência instalado contra os profissionais ao longo da administração do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, houve um aumento exponencial na última campanha eleitoral de 2022. Além, é claro, de destacar o acontecimento histórico sanitário que passamos de 2020 a 2023, isto é, da pandemia da Covid-19, ressaltando ainda o contexto amazônico.

De caráter qualitativo descritivo, o trabalho tem por objetivo compreender se essas violências (física e simbólica) cometidas contra as e os jornalistas no estado configuram dentro de um aparato institucional de dominação, que compromete a liberdade de expressão, tanto das e dos profissionais como do público de saber os fatos. A perspectiva de investigação teórica-metodológica parte da representação social como uma modalidade de conhecimento prático, orientada para a compreensão do mundo e para a comunicação, e também como construções significativas sobre objetos socialmente valorizados (Moscovici, 2012).

## **JORNALISTAS E SUAS REALIDADES: CONTEXTOS POLÍTICO, PANDÊMICO E AMAZÔNICO**

Nessa perspectiva, pensamos o jornalismo e as/os jornalistas para além da produção das notícias, mas nos moldes de França (1998, p. 17), como entes que testemunham “o sentimento de uma sociedade, seu padrão de sociabilidade, sua maneira de falar”, assim como

---

<sup>5</sup> A pesquisa integra o projeto “Mídia e Violência: sentidos e significados na Amazônia”, realizado em parceria com a Universidade da Amazônia e a Universidade Federal do Amazonas, com apoio do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

uma escuta ativa de sujeitos e sujeitas, de acontecimentos que, no momento histórico e cotidiano, impactam a vida, seja de forma positiva ou negativa, dos indivíduos e do social. Isto é,

o jornalismo está enraizado no terreno da palavra humana, aqui compreendida como instância de pulsão expressiva e socializante do homem. O jornalismo nasce da pulsão de falar o mundo, falar o outro, falar ao outro; da atração pela diferença, pela novidade, pelo distante; do enraizamento no mesmo, no próximo e em si que marcam a palavra humana desde sempre. Em síntese, o jornalismo faz parte do “dizer” social (Idem, p. 26).

Evidente que não temos a ingenuidade de compreensão da atividade como idílica, pelo contrário, consideramos a complexidade de falar sobre a realidade, que sempre comporta leituras diversas, e por vezes, difícil de “reduzir” sua interpretação em um único olhar ou texto jornalístico. Mas ao investigarmos sobre a violência contra os jornalistas, buscamos aprofundar discussões científicas e o contexto de inserção que tal atividade provoca nas relações comunicativas e políticas.

Se, historicamente, a imagem do jornalista foi percebida de forma contraditória, como o ser mítico que vive num mundo de aventuras - ou como detetive, na busca de desvelar o que encobre a ação dos poderosos, como Robin Hood -, “no seu empenho em roubar a verdade aos que se arrogam em seus únicos detentores, para depois distribuir fraternal e solidariamente pelo povo, sob a forma de notícia” (Correia, 1998, p.13). Na atualidade, essa imagem tem se dado num terreno movediço e perigoso. Se por um lado a profissão oportuniza falar sobre os fatos que ocorrem no mundo, por outro, ao falar desses mesmos fatos os profissionais podem ser vitimados quando atravessam os interesses ou poderes daqueles que neles estão envolvidos.

Essa realidade é bem descrita pelos diversos relatórios produzidos por entidades representativas, denunciando as violências cometidas contra os profissionais, como os relatórios da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), da representação na América Latina dos Repórteres Sem Fronteiras (RSF), da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), entre outros. Essas entidades têm constatado a fragilidade e tensão na relação entre imprensa e o governo, com foco nos quatro anos do governo de Jair Bolsonaro, de 2019 a 2022. As violências cometidas atentam para o enfraquecimento do jornalismo profissional, com o descrédito da imprensa e a visão de que jornalista é um inimigo do Estado.

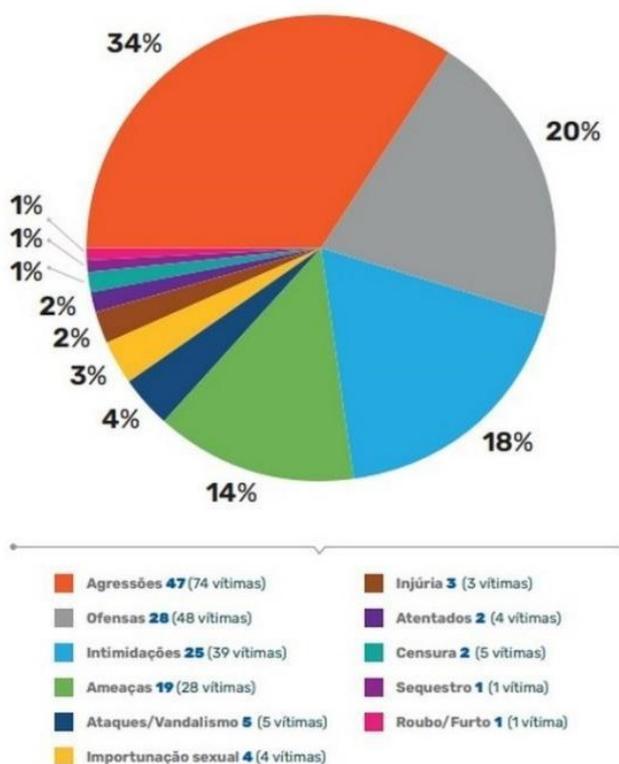
No relatório anual da Abert, denominado de “Violações à Liberdade de Expressão”, 2022 foi um dos anos mais violentos, quando as agressões físicas a jornalistas cresceram 38,24%, a contar os assassinatos de dois jornalistas.<sup>6</sup> O referido documento computou que a cada dois dias, em média, a imprensa sofreu algum tipo de ataque. Dos dados mapeados, foram contabilizados um total de 137 casos de violência não letal, com pelo menos 212 profissionais e veículos de comunicação envolvidos. Ver gráfico 01, produzido pela Abert sobre o mapeamento das violências.

**Gráfico 1** - Casos de violações à liberdade de imprensa e de expressão no Brasil.

**CASOS DE VIOLAÇÕES À LIBERDADE DE IMPRENSA E DE EXPRESSÃO NO BRASIL**

VIOLÊNCIA NÃO LETAL 2022

Fonte: ABERT



Fonte: Relatório Abert (2023).

<sup>6</sup> Os jornalistas assassinados foram Dom Phillips e Givanildo Silva. O primeiro com grande repercussão internacional, pois Dom Philips era jornalista britânico e se encontrava na Amazônia com o indigenista Bruno Pereira, que também foi assassinado, fazendo uma reportagem para um livro sobre meio ambiente em área conhecida pelo avanço do desmatamento e do garimpo ilegal. A execução de Givanildo Silva se deu após noticiar a prisão de um acusado de duplo homicídio, no Ceará (Abert, 2023, p. 8).

De acordo com os dados da entidade, diferente de 2021, quando as ofensas lideraram os registros, em 2022, as agressões físicas estiveram no topo da lista de violações ao trabalho jornalístico. Foram 47 casos contra os 34 do ano anterior, um aumento significativo de 38,24%. A quantidade de vítimas também subiu de 61 para 74, um aumento de 21,31% (Abert, 2023, p. 14).

Outro importante relatório foi produzido pela organização Repórteres sem Fronteiras<sup>7</sup> e pelo Laboratório de Estudos sobre a Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), identificando que um jornalista foi atacado na rede social digital *Twitter* a cada 3 segundos, na campanha eleitoral brasileira de 2022. O relatório denominado: “O jornalismo frente às redes de ódio no Brasil”, mapeou entre 15 de agosto e 14 de novembro mais de 3 milhões de postagens ofensivas e intimidatórias contra jornalistas e meios de comunicação. “Essas eleições ficarão marcadas como àquelas em que, a cada 3 segundos, pelo menos um jornalista foi agredido nas redes sociais, revelando um ódio difuso à imprensa por parte de movimentos antidemocráticos”, afirmou o diretor dos RSF na América Latina, Artur Romeu.<sup>8</sup> Romeu reforçou que o discurso estigmatizante do ex-presidente Jair Bolsonaro, nas redes sociais e em eventos públicos, quando era abordado pelos jornalistas, fez com que se institucionalizasse a violência, incentivando e legitimando a repetição dessas práticas por apoiadores do ex-presidente.

Já o relatório da “Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil”, da Fenaj (2022), aponta um crescimento de 133,33% nas ocorrências de ameaça/hostilização/intimidação; segunda categoria com maior número de ocorrências em 2022, com 77 casos (44 a mais que os 33 casos registrados em 2021). As agressões verbais tiveram queda de 20,69%, em comparação com o ano anterior, mas as agressões físicas aumentaram 88,46%, passando de 26 para 49; e os impedimentos ao exercício profissional cresceram 200%, foram sete casos em 2021 e 21 em 2022. Também tiveram crescimento significativo os ataques nas redes sociais à veículos de comunicação (125%), passando de quatro para nove episódios.

Segundo o presidente da Abert, Flávio Resende, boa parte dessas violências foram estimuladas por autoridades públicas e políticos:

<sup>7</sup> OUL. “Um jornalista foi atacado no Twitter a cada 3 segundos na campanha eleitoral no Brasil, mostra pesquisa”. Disponível em: <[<sup>8</sup> Idem.](https://mediatalks.uol.com.br/2023/05/01/relatorio-mapeia-violencia-online-contra-jornalistas-nas-eleicoes-durante-governo-bolsonaro/#~:text=fechamento%20das%20urnas.-%E2%80%9C,ao%20segundo%20semestre%20de%202020.>.” Acesso em: 10 mai.2023.</a></p></div><div data-bbox=)

(...) que, contrariados com as notícias divulgadas, propagaram discursos de ódio e de descredibilização da imprensa, estimulando seus apoiadores contra profissionais e veículos de comunicação. A mesma forma agressiva das ofensas foi adotada nas ruas com ataques físicos e ameaças que muitas vezes colocaram em risco equipes de jornalismo que exercem, legitimamente, sua atividade profissional (Abert, 2023, p. 8).

Em 2021, a Abraji publicou o relatório do “Monitoramento de ataques à imprensa no Brasil”, onde verificou que, de um total de 453 ataques vitimando jornalistas, meios de comunicação ou a imprensa em geral, 60% deles foi realizado pelo ex-presidente Bolsonaro e seus aliados (ministros, políticos, assessores e apoiadores). O ex-presidente Bolsonaro foi o principal agressor dos jornalistas e veículos de comunicação: “sozinho, ele foi responsável por 104 casos (27,66% do total), sendo 80 episódios de descredibilização da imprensa e 24 agressões diretas a jornalistas (10 agressões verbais e 14 hostilizações)” (Fenaj, 2023, p. 04).

Assim que assumiu a presidência em 2019,<sup>9</sup> os ataques do ex-presidente se transformaram em ações do próprio governo, para impedir tanto os profissionais de atuarem na cobertura dos acontecimentos públicos, quanto a população de ter acesso às informações. São exemplos disso episódios de ofensas e ameaças contra jornalistas,<sup>10</sup> crimes de gênero contra profissionais,<sup>11</sup> ataques explícitos a veículos de comunicação e programas jornalísticos, como o *Jornal Nacional*,<sup>12</sup> além de impedir o trabalho da imprensa em momentos como na situação da pandemia da Covid-19 (Souza, 2023).

Apesar de ter afirmado em seu discurso de posse à Presidência, em 2019, que seria defensor da Constituição Federal, da democracia e da liberdade, o ex-presidente foi o primeiro a afrontar e a desrespeitar os princípios básicos da democracia. Nos quatro anos de sua gestão, foi instalado um modelo governamental ultraconservador e ostensivo no país, em específico para os jornalistas, com a institucionalização da violências (da física à simbólica), entre intimidações, hostilidades, difamações, agressões e insultos.

Com a chegada da pandemia do SARS-Cov-2 (vírus causador da Covid-19), o trabalho jornalístico passou por mudanças e adaptações e esteve na linha de frente contra o vírus,

<sup>9</sup> O então candidato do PSL foi eleito o 38º Presidente da República do Brasil. Jair Bolsonaro venceu as eleições em 2018, contra o candidato Fernando Haddad (PT), com 55% dos votos válidos: 55.205.640.

<sup>10</sup> BBC. “9 ataques de Bolsonaro a jornalistas — e quais os temas que levaram presidente a perder a linha”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52553647>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>11</sup> CNN. “Patrícia Campos Mello processa presidente Jair Bolsonaro”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/patricia-campos-mello-processa-presidente-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>12</sup> UOL. “Acabou matéria do Jornal Nacional”, diz Bolsonaro sobre atraso em divulgação de casos de Covid-19”. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/06/05/acabou-materia-do-jornal-nacional-diz-bolsonaro-sobre-atraso-em-divulgacao-de-casos-de-covid-19.htm>. Acesso em 02 jan. 2022.

sofrendo, por diversas vezes, hostilidades por parte do ex-presidente (Souza, 2023).<sup>13</sup> Quando parte da sociedade vivia em distanciamento físico, devido ao risco de contágio pelo novo coronavírus, o jornalismo foi uma das categorias de trabalho que teve de sair a campo para cumprir sua função: a de relatar os acontecimentos e enfrentar todas as adversidades provocadas pela crise sanitária.

A região amazônica, por exemplo, foi uma das mais afetadas pelo novo coronavírus no país. Manaus (AM) esteve entre as cinco cidades brasileiras com maiores índices de mortalidade pela doença, atrás somente de São Paulo e Rio de Janeiro (UOL, 2021). A capital amazonense figurou intensamente nos noticiários e representou a situação da crise na região amazônica (Souza, 2023). A falta de insumos e equipamentos para atendimento aos doentes, bem como a demora do Ministério da Saúde no envio de assistência, fez com que a região enfrentasse superlotação de hospitais e cemitérios.

Cenários de terror captados por câmeras de celulares de dentro dos hospitais, mas principalmente por câmeras jornalísticas. Junto com o caos sanitário da Covid-19 e a política de Estado do ex-presidente Bolsonaro, a região que historicamente foi marcada pela violência, enfrentou um dos piores contextos do início do século XXI. Daí a importância de pensar o trabalho jornalístico em meio a três contextos tão complexos, como: o da crise da Covid-19, o governo Bolsonaro e a região amazônica.

Ressaltamos que a Amazônia deve ser pensada a partir de seus aspectos sociais, considerando, conforme Márcio Souza (2019), que sua história é um processo social entrecortado pelas relações de poder político de nove Estados-nação e centenas de etnias; sem esquecer os diversos grupos sociais de interesse, de todos os tamanhos, nacionais e internacionais. Suas realidades têm sido demarcadas, temporalmente, nos *locus* regional, nacional e internacional; da perspectiva do exotismo e da exuberância da natureza, entre fauna e flora, e tudo que a integra, por outro lado e ao mesmo tempo, pelos conflitos de violência gerados em seu território.

Do mesmo modo, afirma Castro (2017, p. 7), a Amazônia está cada vez mais

---

<sup>13</sup> A pandemia da Covid-19 se tornou um dos piores acontecimentos do início do século XXI, sendo marcado pelas diversas alterações sociais, dentre elas as restrições nos processos de socialidade e os altos números de mortes (Souza, 2023). De 2020 a 2023, um dos marcadores trágicos do acontecimento da pandemia da Covid-19 está expresso nos altos números de mortes pela doença no mundo. Somente no Brasil morreram mais de 700 mil pessoas, o que nos coloca como segundo país com mais vítimas fatais por Covid-19 no *ranking* mundial, atrás somente dos Estados Unidos com mais de 1,1 milhão de mortes pela doença (OMS, 2024). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, os dados globais da Covid-19 totalizam: 6.988.666 de mortes, com 772.837.981 de pessoas infectadas. Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c>. Acesso em: 03 jan. 2024.

atravessada por conflitos face a processos e decisões definidos por agentes governamentais e privados, “com poder hegemônico que pensam este espaço como oportunidades de mercado e de lucro fácil, reproduzindo as práticas coloniais, e bárbaras, de saque dos recursos naturais e da cultura, que atravessaram as Américas na colonização europeia”. Castro reforça em sua análise que os conflitos agrários, a expropriação de populações tradicionais de suas terras, o genocídio indígena, a grilagem de terras, as chacinas e mortes anunciadas por mandantes e seus pistoleiros, marcam as imagens e tornam a violência uma chave de interpretação do território amazônico.

Nosso foco nesta pesquisa será com relação à Amazônia paraense,<sup>14</sup> que está associada também a uma história de violência herdada pelo colonialismo (coronista e patrimonialista), relacionada ao território e às tensões sobre populações residentes (Castro, 2017). Logo, essa complexa realidade e sua vida cotidiana fazem parte do contexto dos fatos sociais que devem ser interpretados jornalisticamente pelos profissionais, esbarrando assim, e quase sempre, nos interesses e poderes envolvidos nas disputas.

## **A VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO ESTADO DO PARÁ**

Em 2021, o estado do Pará despontou no relatório da Fenaj com o maior número de casos de violência contra jornalistas da Amazônia Legal e o terceiro do país. Enquanto que em 2021 foram registrados oito casos, em 2022 (sem o levantamento do Sinjor-PA) o número aumentou para 21 casos de violência. Demonstrando que houve um significativo crescimento dos casos no estado, enquanto que nacionalmente foi registrada uma leve redução: 430 casos em 2021 e 376 casos em 2022.

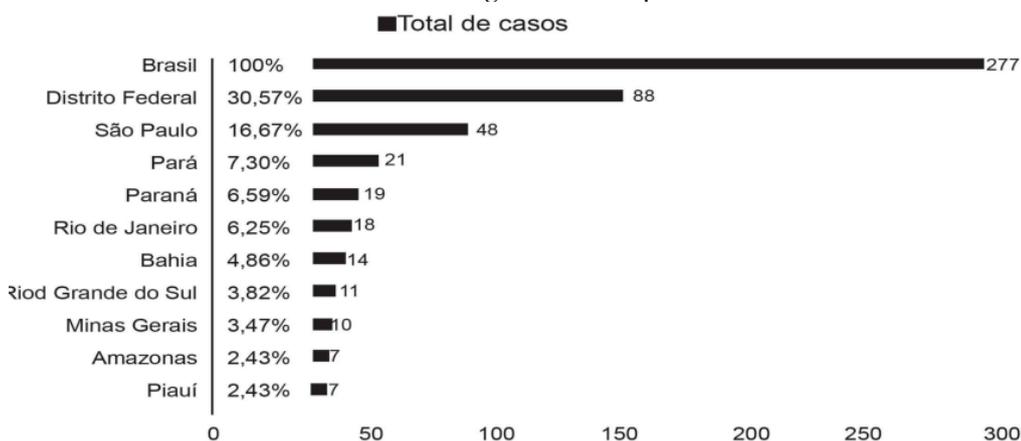
A partir dos dados da Fenaj, e as inúmeras denúncias feitas informalmente pelos jornalistas paraenses, o Sinjor-PA, numa ação inédita da entidade, constituiu um Grupo de Trabalho (GT) de Enfrentamento à Violência contra Jornalistas no Estado, em 2022, com o objetivo de registrar e acompanhar os casos de violência no âmbito da categoria. Com o crescimento veloz das ocorrências, sobretudo com a proximidade das eleições, o GT deliberou pela realização de um levantamento para elaboração do relatório tendo como modelo os trabalhos da Fenaj e do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom), da Universidade de São Paulo (USP). Nisso, surgiu o primeiro relatório “Violência

<sup>14</sup> Denominamos de “Amazônia paraense” o estado do Pará e sua integração na Amazônia Legal.

contra jornalistas e liberdade de imprensa no Pará”. Nele, cada caso de violência é apresentado na ordem cronológica, com um resumo do ocorrido, identificando local, vítima, agressor, tipo de agressão (física, verbal, censura, tentativa de desacreditização) e veículo de comunicação ao qual a/o profissional é ligada/o.

Assim como nos relatório da Fenaj, o Sinjor-PA apresenta dados que demonstram o Pará como um dos três estados brasileiros mais violentos contra jornalistas, ocupando o terceiro lugar, com 7,30% do total de casos no Brasil, de um total de 376 ocorrências de violência no ano de 2021. Ficou abaixo apenas do Distrito Federal, com 30,57% , e de São Paulo, com 16,67% dos casos. O posicionamento do estado diante das demais unidades federativas está ilustrado no Gráfico 2.

**Gráfico 2 - Ranking da violência por estado.**



**Fonte:** Sinjor-PA (2023).

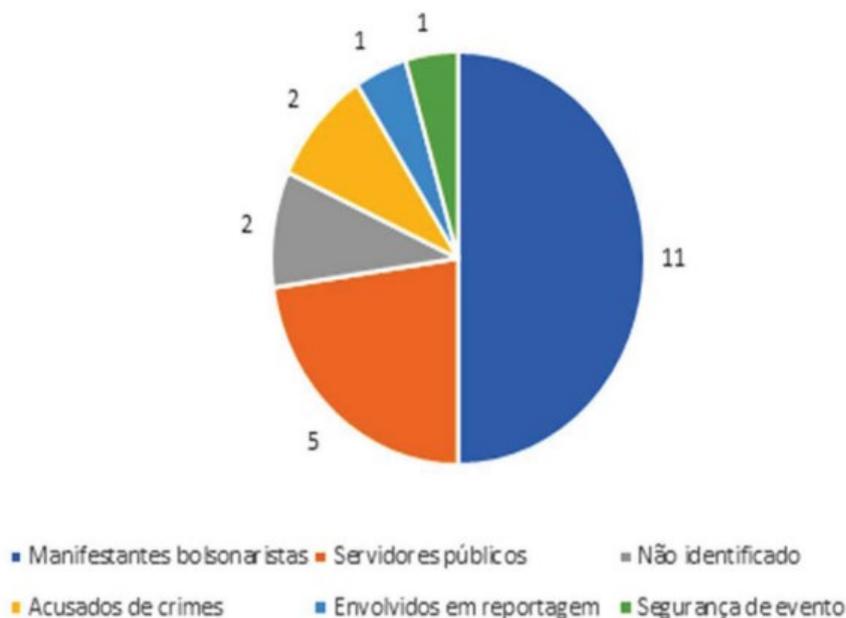
Além disso, o estado também é considerado como o mais violento da região norte, seguindo uma dinâmica que dura anos. De acordo com o Sindicato, o Pará

contabilizou sozinho mais do que a soma de todos os outros estados do Norte brasileiro. Os 21 casos registrados no Estado do Pará superam os outros 17 casos registrados somados da região Norte. Depois do Pará vem Amazonas com 7 casos (2,43%), Rondônia com 6 casos (2,08%), Roraima com dois casos (0,69%), e Acre e Tocantins empatados com 1 caso (0,35%) cada. O Estado do Amapá foi o único a não ter nenhum registro de violência em 2022 (Sinjor-PA, 2022, p. 05).

Pensando no território considerado como “Amazônia Legal”,<sup>15</sup> incluindo os estados do Maranhão e Mato Grosso, “(...) o Pará também foi o Estado mais violento da região. Maranhão e Mato Grosso registram, respectivamente, seis e um caso” (Idem). Cabe ressaltar ainda que os casos subnotificados, ou mesmo não denunciados, são uma realidade e sugerem que os números de violência sejam maiores que os registrados pelo Sinjor-PA e demais entidades.

O ano de 2022 foi marcado pelas eleições presidenciais, tendo como principais candidatos os opositores Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. O relatório do Sindicato demonstra que houve um aumento no registro da violência contra jornalistas no final de 2022, tendo como principais agressores os seguidores de Bolsonaro (ver Gráfico 3). Com a derrota confirmada para Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno, ações ostensivas começaram a se espalhar pelo território brasileiro nos últimos meses do ano, contestando o resultado das urnas, propagando a intolerância e a violência contra opositores e também contra jornalistas. E isso também refletiu no território paraense, segundo o Sinjor (ver Gráfico 4).

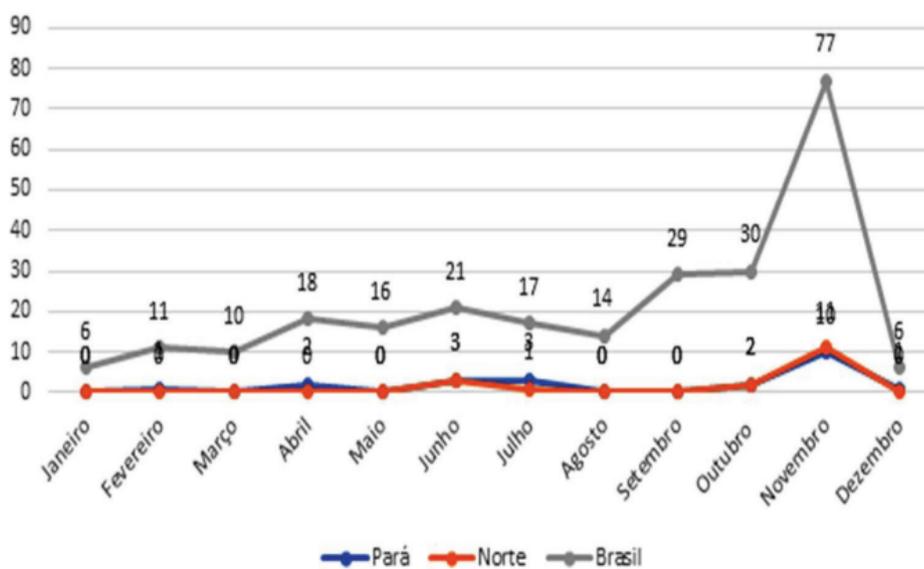
**Gráfico 3** - Agressores de jornalistas no Pará.



**Fonte:** Sinjor-PA (2023).

<sup>15</sup> A Amazônia Legal é uma área de 5.217.423 quilômetros quadrados, que compreende 61% de todo o território brasileiro. Abrange nove estados do Brasil: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e uma parte do estado do Maranhão.

**Gráfico 4 - Violência contra jornalistas mensalmente no estado em 2022.**



Fonte: Sinjor-PA (2023).

A maioria dos ataques às/aos jornalistas foi realizada por bolsonaristas de forma coletiva, nas manifestações antidemocráticas, nas frentes dos quartéis e/ou vias públicas, onde havia concentração de apoiadores do ex-presidente. No relatório do Sinjor não há uma descrição específica do perfil dos integrantes, mas há imagens desse corpo coletivo, formado por pessoas de diversas idades, homens e mulheres, que têm em comum o uso de roupas verdes e amarelas e a bandeira nacional. Houve registro também de um agressor bolsonarista que atacou, por meio de rede social, uma jornalista, no município de Marabá, localizado no sudeste do Pará.<sup>16</sup>

Não há exposição gráfica por município ou região do estado neste relatório. O que consideramos importante para complementar os estudos e exposições sobre esse tipo de ocorrência, bem como também para poder auxiliar projetos e ações de políticas públicas para o combate à violência. Entretanto, ao analisarmos os resumos dos casos contabilizados, notamos que 11 ocorrências foram registradas em Belém, capital do estado, podendo deduzir que a região com maior registro seja a Região Metropolitana de Belém (RMB). Em segundo lugar está Marabá, com três ocorrências registradas. Foi contabilizado um caso em cada um

<sup>16</sup> Afora esses agressores, há os agentes públicos: dois prefeitos, um policial civil, dois policiais militares, um servidor de órgão de trânsito e seguranças de prefeitos. Mas ainda figuram entre os agressores: um chefe de cozinha, uma mulher envolvida com crime, um homem envolvido com um suspeito de crimes, coordenador da Guarda de Nazaré (“agentes” voluntários que atuam na segurança da imagem de Nossa Senhora de Nazaré durante as procissões do mês de outubro) e um caso sem agressor identificado (Sinjor-PA, 2023, p. 06).

desses municípios que integram o eixo sul/sudeste do Pará: Parauapebas, Altamira,<sup>17</sup> Tucuruí e Vitória do Xingu. O mesmo ocorrendo em Santarém e em Oriximiná, municípios do oeste; e um em São Miguel do Guamá, município que, como Belém, fica no nordeste paraense.

As demais agressões não relacionadas às manifestações antidemocráticas, ocorreram nos meses de fevereiro, com um caso em Parauapebas; abril, com um caso em Santarém e um em Belém; junho, com Oriximiná, Altamira e São Félix do Xingu registrando um caso em cada município; julho com São Miguel do Guamá e Belém, um caso em cada um; outubro com um caso em Belém; e dezembro com um registro em Tucuruí. Daí pode-se ter uma compreensão do mapa da violência no estado.

As vítimas das agressões estavam no exercício da profissão em trabalho de equipe ou sozinhas. Foram nove equipes atacadas. Contabilizando todos os profissionais que delas participaram: nove repórteres, sete repórteres cinematográficos e dois repórteres fotográficos. Do total de nove repórteres, três são mulheres que integram equipes em Oriximiná, Marabá e Belém. Em trabalho solo, foram registradas 13 vítimas: sete repórteres, três repórteres fotográficos, um cinematográfico, uma diretora de jornalismo e dois blogueiros. Deste total, duas mulheres foram atacadas, uma diretora de jornalismo de Marabá e uma repórter de TV de Belém.<sup>18</sup> Ao constituir a categoria vítimas, não encontramos um filtro sobre gênero e sexo, o que seria importante para a avaliação do nível de violência contra as mulheres que atuam na profissão. No entanto, a partir dos detalhes do relatório, pudemos contabilizar um total de cinco mulheres atacadas em Belém e no interior do estado.

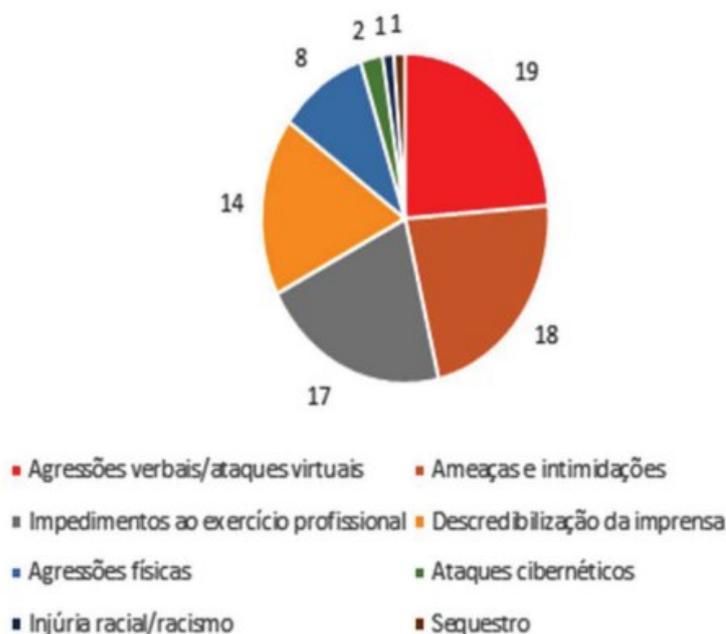
Notamos ainda que as maiores ocorrências foram de agressões verbais e ataques virtuais, com 19 casos. Em segundo lugar vêm as ameaças e intimidações, com 18 casos. Em terceiro lugar ficou o impedimento do exercício profissional, com 17 casos. Em quarto foram registradas agressões físicas, com oito casos, uma delas envolvendo o sequestro e espancamento, no município de Tucuruí. Ainda foram contabilizadas injúria racial/racismo e tentativa de descredibilização da imprensa. Mais detalhes no Gráfico 5.

---

<sup>17</sup> De acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2023, sete municípios paraenses aparecem entre as 50 cidades brasileiras com maiores taxas de mortes violentas. São elas: Altamira (7ª), Itaituba (15ª), Marabá (26ª), Paragominas (32ª), Parauapebas (35ª), Castanhal (45ª) e Marituba (50ª). Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/para-tem-sete-cidades-entre-as-50-mais-violentas-do-brasil-veja-a-lista-completa-1.707117>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

<sup>18</sup> Em dois episódios, um em São Miguel do Guamá e outro em Belém, o relatório registrou um caso em cada, ressaltando que, em ambos os casos, os ataques foram a mais de um profissional.

**Gráfico 5** - Tipos de agressões contra jornalistas.



**Fonte:** Sinjor-PA (2023).

Em 2022 não houve registro de mortes no Pará. O último caso de assassinato ocorreu em 2021: do jornalista Erenildo Ribeiro da Cruz (conhecido como Chocolate), do jornal Tribuna Regional, morto no período em que apurava possíveis fraudes nas eleições municipais, no município de Almerim, no oeste do Pará. Mas, em 2022, o universo do jornalismo foi abalado com o emblemático caso do duplo assassinato do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, no Vale do Javari (AM). Esses episódios mostram que o jornalismo é uma profissão de risco e que necessita da realização constante de estudos que avaliem e meçam o nível da violência contra esses trabalhadores e as medidas tomadas para protegê-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro aspecto a ser ressaltado com relação ao relatório do Sinjor-PA é que há possibilidade dos números registrados no estado serem bem mais elevados, uma vez que muitos profissionais deixam de formalizar a denúncia de agressão por medo de represália dos agressores e, também, por não se sentirem acolhidos pelas empresas que representam. O medo fala mais alto que o exercício da atividade. O medo cala muitos profissionais que preferem

não se expor diante do contexto político desfavorável ao exercício do trabalho.

Em função do medo, verificamos no relatório a subnotificação de casos. Alguns foram relatados às empresas de comunicação as quais as vítimas eram ligadas, mas não tiveram o tratamento devido, isto é, com a formalização da denúncia. Observamos, neste contexto, uma tendência de naturalização da violência. Tendência alimentada e potencializada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores.<sup>19</sup> Aqui observamos, também, o poder simbólico (Bourdieu, 1989) como a tentativa de um poder de construção da realidade sobre os jornalistas.

Por outro lado, os profissionais que se sentiram mais seguros para denunciar o fizeram em conjunto com o Sindicato, e seu corpo jurídico, e com a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PA), onde formalizaram e acompanharam as denúncias junto às autoridades competentes.<sup>20</sup>

Como este é o primeiro relatório em nível estadual, observamos a ausência de detalhes para uma comparação mais apropriada no cruzamento de dados com os anos anteriores. O que se tem no relatório, com relação ao Pará nos anos anteriores a 2022, são números gerais divulgados pelas edições anuais dos relatórios da Fenaj e do Obcom. Seria pertinente que o relatório estadual expandisse e enriquecesse sua abordagem com o mapeamento da violência por regiões e municípios, apresentando esses resultados em gráficos.

Com relação aos profissionais, filtros como na questão do gênero, para melhor avaliar as ocorrências que envolvem as jornalistas, assim como aos sujeitos pertencentes aos grupos sociais, como os LGBTQIA+. Outro filtro também seria relevante com relação à questão étnico-racial, observando se há ataques velados ou explícitos devidos à cor e/ou aos traços étnicos das/os jornalistas, pois como foi observado, no ano de 2022, houve um caso envolvendo injúria racial/racismo com a equipe de televisão do município de Altamira.

Há também outra lacuna no relatório. A falta de dados acerca dos casos de ataques

---

<sup>19</sup> Também confirmada pelos dados do relatório da Fenaj que será lançado no dia 25 de janeiro de 2024. De acordo com a entidade, “os números absolutos da violência contra jornalistas no Brasil apontam para uma queda significativa das agressões no ano de 2023. Foram 181 casos, 51,86% a menos que os 376 registrados em 2022. Entretanto, o total de episódios registrados ao longo do ano passado representa 34,07% a mais do que os 135 contabilizados em 2018, antes da ascensão do ex-presidente da República Jair Bolsonaro” (Fenaj, 2024, n.p.). Podemos notar que as formas de violência contra jornalistas não foram só institucionalizadas com o bolsonarismo, mas, também, impregnadas no corpo social ao ponto de o próprio cidadão comum atuar como agente de violência. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/sem-bolsonaro-violencia-contra-jornalistas-cai-5186-em-2023/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

<sup>20</sup> O relatório também foi publicado pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Violência, da UFPA, em sua página da rede social digital *Instagram*, para estimular o debate dentro do universo científico. Embora o lançamento do relatório tenha sido amplamente divulgado nas redes sociais e blogs jornalísticos, e sugerido como pauta para mídias hegemônicas do estado, nenhuma delas fez a cobertura do lançamento do relatório em março de 2023.

sofridos pelas/os jornalistas nas próprias empresas e assessorias de comunicação, como assédio moral e assédio sexual; e o impedimento de visitas de representantes sindicais em redações para tratar dessas e outras violências.

O relatório é um marco na história da instituição, uma vez que sistematiza denúncias diversas dos profissionais no exercício do jornalismo. Em nossa concepção, o documento vai ao encontro daquilo que afirma Jodelet (1989, p. 43-44) sobre o conhecimento prático das representações, em que: “quantificar esse conhecimento prático, refere-se à experiência a partir da qual ele é produzido, aos referenciais e condições em que ele é produzido e, sobretudo, ao fato de que a representação é empregada para agir no mundo e nos outros”. Assim, as representações familiarizam o não familiar, a fim de que elas possam, segundo Moscovici (2011, p. 25), “ser compreendidas como fenômenos e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas”. Por isso, implicam uma interpretação cultural, uma vez que não há objeto e sujeitos isolados.

Nessa perspectiva, consideramos relevante pensar nos discursos produzidos pelos grupos que criam as representações, os comportamentos e as práticas que elas expressam - em específico, aqui, a violência contra os jornalistas -, com a finalidade de transformar os discursos institucionalizados dessas práticas e as interpretações dadas sobre elas.

## REFERÊNCIAS

ABERT. Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. Relatório Anual 2022 – Violações à Liberdade de Expressão. Brasília. 2023. Disponível em: <[https://www.abert.org.br/link/2023/abert\\_relatorio\\_anual\\_2022\\_com\\_casos\\_v05.pdf](https://www.abert.org.br/link/2023/abert_relatorio_anual_2022_com_casos_v05.pdf)>. Acesso em: 30 Maio de 2023.

ABRAJI. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Relatório Monitoramento de ataques à imprensa no Brasil. Disponível em: <[https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/e8854cf1-3ab3-46ea-8573-0137090e0a6f/Relato\\_rio\\_Monitoramento\\_de\\_ataques\\_a\\_Jornalistas\\_no\\_Brasil\\_02.05.2022.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/e8854cf1-3ab3-46ea-8573-0137090e0a6f/Relato_rio_Monitoramento_de_ataques_a_Jornalistas_no_Brasil_02.05.2022.pdf)>, Acesso em: 22 de janeiro de 2024

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTRO, Edna Mari. Ramos. *Introdução a territórios em transformação*. In: **Territórios em transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistências**. CASTRO, Edna Maria Ramos de. (Org.). Belém: NAEA, 2017.

CORREIA, Fernando. *Os jornalistas e as notícias*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. Relatório da Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

JODELET, Denise. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: JODELET, D. *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, p. 31-61, 1989. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Educação, dez. 1993, mimeo, 22 p.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

RFS – Repórteres Sem Fronteiras. Relatório O jornalismo frente às redes de ódio no Brasil. Brasília, 2023. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/[https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/04/As%20redes%20de%20odio%20no%20Brasil\\_PT.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/04/As%20redes%20de%20odio%20no%20Brasil_PT.pdf)>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

SINJOR – Sindicato dos Jornalistas do Estado do Pará. Relatório da Violência contra Jornalista e Liberdade de Imprensa – 2022. 1ª ed.. Belém (PA), 2023.

SOUZA, Michele da Costa. **O imaginário da pandemia: uma análise da cobertura dos números de mortes por Covid-19 no Jornal Nacional (JN)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

UOL. “Conheça as 30 cidades com mais mortes por covid-19 no Brasil”. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/saude/conheca-as-30-cidades-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 20 de jun. 2022.